

FERNANDO AMADO

PEÇAS DE TEATRO

Organização de TERESA AMADO e VÍTOR SILVA TAVARES

Prefácio de AUGUSTO SOBRAL



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



SUA EXCELÊNCIA JÁ NÃO ATENDE NINGUÉM

JA NÃO ATENDE NINGUÉM
SUA EXCELENCIA

Representado em: 1961 (Fábrica de João Osório de Castro, Mafra),
1961 (*atelier* de escultura) — ambos os espectáculos, dir. Fernan-
do Amado.

SUA EXCELÊNCIA JÁ NÃO ATENDE NINGUÉM

Debucho teatral

PERSONAGENS

LUCAS

MARTA

O HOMEM DO ANEL

SUA EXCELÊNCIA

O CONTÍNUO



Antecâmara num edifício público.

Mesa de mogno; tapete espesso e vistoso; gravuras nas paredes. Um casal de campônios, Marta e Lucas, sentados em cadeirões fronteiros.

LUCAS — É o que te digo: não valia a pena a gente voltarmos. Não há meio de botar fala ao sujeito. Quando calha saiu, quando calha está ao telefone; quando não saiu e quando não está ao telefone, atende pessoas importantes.

MARTA — E que havéramos a gente de fazer, Lucas? Lá na terra não atavam nem desatavam. Só despesas e canseiras. Vai de requerimentos e certidões, mais um doutor em leis, mais um escrivão...

LUCAS — Que havéramos a gente de fazer, Marta? Não digo menos disso. Empenhámos o casal; óspois, feitas as trouxas, tomámos o comboio. Era o conselho que todos davam: trata mas é de ir pra capital... E cá estamos na capital, fartinhos de encher folhas de papel selado, de trepar escadarias. E eu prègunto: pra quê, mulher, pra quê?

MARTA — Ora pra que havera de ser? Pra salvar um inocente.

LUCAS — Tá bem. Mas estamos porventura mais aviados aqui do que lá na terra? Um homem até perde a vista no meio de tanto luxo. Aquase nem sabe os sítios onde há-de pôr as botas.

MARTA — É preciso chegar até onde os que governam.

LUCAS — Nunca a gente os dois havemos de lá chegar.

MARTA — Ora o palonço! E por que é que nunca havemos de lá chegar?

LUCAS (*coçando a cabeça*) — É um palpite, uma assuposição... Quem não sabe é como quem não vê. Pròs espertos não há impecilhos, não há, não senhora. Reparaste, há bocado, no sujeito que entregou o bilhete? Até parecia um actor do Parque Mayer. Alevantou a voz, fez um sinal co'a mão, e pronto.

MARTA — O sujeito do cravo?

LUCAS — Sim, o do anel. Foi logo atendido, enquanto o diabo esfrega um olho.

MARTA — Passou adiante da gente.

LUCAS — Todos passam adiante.

MARTA — A nossa vez há-de chegar. (*Lucas tem um gesto de desânimo.*) Quem esperou meses, espera horas. O tempo que bonde pra salvar um inocente.

LUCAS — Marta, dizes bem; tens razão. Os trabalhos não contam; nanja as arrelias e canseiras... Mas escuta a modos que uma comparação, uma ideia que me anda a rondar a memória. Pra que o tal senhor importante viesse à fala co'a gente, era preciso que aquele sujeito fardado chamasse pelos nomes o Tio Lucas e a Tia Marta; mas como todos passam adiante da gente, nunca mais o sujeito fardado...

VOZES NO CORREDOR — Muito obrigado! — Ora essa! — Não se incomode, Vossa Excelência! — Muito obrigado!